

Políticos podem dar troco

Se o ex-governador Fernando Collor de Mello conseguir passar incólume pela máquina de triturar do horário eleitoral gratuito, no rádio e televisão, e vencer a disputa pela Presidência da República, conservando o caráter antipolítico de sua candidatura, a chamada corporação política, ferida, poderá provocar problema institucional, quando nada apoiando a mudança da forma de governo no País, com a implantação do parlamentarismo.

Esta hipótese já começou a ser analisada entre políticos de responsabilidade nos diferentes partidos, concluindo-se que o ex-governador de Alagoas venceria a eleição sobre os escombros de toda a frágil estrutura político-partidária do País, caracterizando-se como o candidato que simbolizou o antipolítico.

REAÇÃO

Nas preferências de grande parte do eleitorado nacional por Fernando Collor de Mello identifica-se uma clara censura da esmagadora maioria do povo brasileiro a notórios vícios de comportamento de nossa elite política. Essa censura escolheu o antipoda de Collor na figura do candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, que simbolizaria o político brasileiro com todos os seus defeitos.

O Dr. Ulysses continua detendo altos índices de rejeição no eleitorado em diversos pontos do País, incluindo São Paulo, seu próprio Estado natal. Mas não é apenas Ulysses que sofre as consequências dessa censura popular, que afeta candidatos que pareciam em ascensão, como Luiz Inácio "Lula" da Silva e o próprio Brizola, o primeiro em queda livre e o segundo empacando como teimosa mula de leiteiro.

A vitória de Collor, se se confirmar, será a pública condenação de toda a elite política do País. Ao Congresso, em fim de mandato, restariam duas alternativas, de acordo com as análises que começam a fazer importantes políticos: capitular, aderindo ao novo Governo, ou reagir para aprovar emenda mudando a forma de Governo.

De qualquer modo, diante da hipótese possível configurada na vitória de Collor, a perspectiva é de crise político-institucional. Teríamos a repetição da crise que colocou em campos opostos Congresso e Jânio Quadros, eleito Presidente da República em 1960, com uma votação esmagadora, mas minoritário no Legislativo.

O cenário armado pela eleição hipotética de Collor seria diferente daquele de Jânio, mas para pior. Jânio tinha a sustentá-lo a UDN (União Democrática Nacional), um partido de indiscutível prestígio nas classes médias urbanas. Collor, se continuar sustentando sua marca de antipolítico, conta com o apoio de partidos inexpressivos e sem qualquer representatividade. A sua ascensão só pode lembrar Jânio na medida em que se configura tendência do eleitorado brasileiro de esperar o "Salvador da Pátria".

Vale a pena analisar-se a queda de Lula e a estagnação de Brizola em face da escalada do ex-governador de Alagoas. Lula sofre a censura da maioria pela sucessão de greves que infernizou a vida de milhões de pessoas nos grandes centros urbanos, principalmente com o longo fechamento do sistema bancário. Brizola estaria pagando pelo mesmo erro frentista do PMDB, de procurar acomodar no "ônibus" chamado PDT, políticos notoriamente ligados ao que há de mais conservador e até reacionário no País.